

1) A disciplina particular da filosofia que é comumente designada por Teoria do conhecimento é uma reflexão a respeito do que chamado "espírito" ou "mente", conforme a terminologia do autor. Coloca-se frente à tarefa de responder perguntas tais como: o que podemos conhecer? Quais as fontes do nosso conhecimento? Como esse conhecimento se deixa legitimar?

Colocadas essas questões, trata-se de respondê-las sobretudo no âmbito do "espírito" ou "mente" humana. Essa análise do espírito ou mente humana abstram, por seu turno, por constituir o modelo de análise do experimentar do espírito ou mente.

O idealismo de Berkeley surge dentro desse contexto de análise do conhecimento humano. Ele defende a tese segundo a qual as coisas dependem da representação que o espírito realiza delas. As coisas existem na medida em que as percebemos pelas nossas ideias, segundo o seu famoso adágio "esse est percipi", ser é ser percebido. Em última instância, Deus legitimaria a existência de todas as coisas, ~~na medida~~ porque as percebe em sua totalidade.

Quine adquire uma posição empirista, o que significa que sua concepção a respeito do conhecimento difere da posição idealista de Berkeley, na medida em que não são as coisas que dependem das ideias, mas as ideias é que dependem dos objetos físicos. De acordo com Quine, os dados dos sentidos, particularmente considerados, fornecem informações a respeito das coisas e somente esses dados sensoriais podem ser a origem das minhas representações.



2) Popper assume uma posição bem definida a respeito do desenvolvimento das ciências. O progresso das ciências depende, paradoxalmente, de uma crise nos seus fundamentos. Quando as hipóteses da física, por exemplo, já não mais satisfazem as descrições a respeito dos processos naturais, os cientistas são impelidos a buscarem novos paradigmas teóricos que irão sustentar uma concepção da realidade física de modo mais eficaz em relação ao modelo teórico anterior. De acordo com Popper, uma crise nos paradigmas científicos, então, provoca necessariamente uma reestruturação da ciência e, por conseguinte, seu progresso.

Essa crise dependerá, assim, do crivo entre os valores científicos e extra-científicos. Os resultados científicos serão mais eficazes quanto menor influência sofrerem de valores extra-científicos. Na medida em que as ciências são incapazes de realizar essa tarefa com a sua metodologia particular, somente o filósofo que lida com o campo da teoria do conhecimento poderá estabelecer as condições que tornam possível a legitimação do conhecimento. Este tem por função revelar os valores extra-científicos (valores morais, por exemplo) que estão incorporados no paradigma teórico vigente e constituem empecilho para a eficácia dos resultados científicos.



3) Adorno, assim como os demais filósofos da Escola de Frankfurt, têm como uma de suas premissas fundamentais a análise da organização das sociedades modernas. Os meios de comunicação de massa são um ponto de convergência em suas análises, na medida em que exerceram um papel central tanto nos países em estágio de capitalismo avançado como nos países sob o regime comunista e sob o regime nazi-fascista.

Isto é importante pelo fato de que o conhecimento necessita de divulgação e está intrinsecamente articulado às relações de poder. A Alemanha nazista promulgou a eugenia, assegurando com a teoria racista uma legitimidade "científica" para o regime. O mesmo se poderia afirmar em relação ao governo soviético, o qual dependia da instrução político-pedagógica da população baseada no materialismo-dialético.

O ponto central que Adorno concentra nesta tese é o seguinte: a ciência não ocorre fora das relações sociais, estando subordinada a determinados interesses que condicionam o seu desenvolvimento e também a sua divulgação. Sob a perspectiva dialética, o conhecimento não se constitui independentemente do contexto de poder vigente nas relações sociais e, portanto, não é neutro.